RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

BALDESSARINI (Hugo). — *Crônica de uma época (Getúlio Vargas e o crime de Toneleros)*. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1957. 397 pp.

O Autor, advogado da família da vítima do crime da rua Toneleros, o Major Rubens Vaz, relata, em linguagem forense, os acontecimentos relacionados com o crime revelador do "mar de lama" em que terminou, talvez, mais um ato do "espetáculo" que vem sendo a Segunda República, no qual somos, ao mesmo tempo, espectadores e ai de nós: — atores.

Não atinamos bem com a razão ou razões que levaram o Autor a datar esta "crônica de uma época", a partir de 1850. E' certo, como diz o Autor que "desde o comêço da segunda metade do século passado, novas fôrças se foram desenvolvendo na economia brasileira" (pág. 3) e que novas condições surgiram com a imigração estrangeira, modificadora precisamente do eqüilíbrio destas fôrças. Se o Autor tivesse acompanhado o fio condutor da ação destas novas fôrças, talvez nos explicasse melhor o sentido dos "mitos" que apresenta nas últimas páginas do seu trabalho — o mito Getúlio Vargas e o mito Eduardo Gomes. E seu livro perderia o aspecto confuso de articulado forense e de exame de situação histórica.

Não obstante êsse defeito da obra do Autor, ela apresenta muita informação que há de interessar o futuro historiador da República, no exame da situação social e política do nosso tempo.

J. CRUZ COSTA

*

FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — *Novas achegas ao estudo da determinação da especificidade do "Schistosomum Mansoni"*. São Paulo, 1957. 212 páginas, 28 cartas facsimilares, 2 clichês e apêndices. (A capa externa apresenta o desênho de frente e verso da medalha — Prêmio "Bernhard Nocht" conferida ao Prof. Pirajá da Silva, pelo "Institut Für Schiffs und Tropenkrankheiten" de Hamburgo).

No justo desêjo de reverenciar um dos maiores cientistas brasileiros, o doutor Edgard de Cerqueira Falcão — que há cêrca de trinta anos vem ressaltando a vida e os trabalhos científicos de seu eminente mestre Prof. Manuel Augusto Pirajá da Silva, — acaba de consolidar em mais um valioso trabalho, seus direitos de prioridade na determinação da especificidade do *Schistosomum Mansoni* e na descrição zoológica do mesmo parasito perante o mundo científico.

Nesta oportunidade cumpre lembrar que esta mesma *Revista de História* já abrigou em suas páginas a tese intitulada: "A determinação da especificidade do *Schistosomum Mansoni* — História duma

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

grande conquista científica brasileira" — apresentada pelo doutor Edgard de Cerqueira Falcão ao I Congresso Brasileiro de História da Medicina, realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1951 (1).

Como se sabe, o Prof. Manuel Augusto Pirajá da Silva tem a glória de haver sido, no Brasil, o primeiro professor de Parasitologia Médica, pois esta cátedra foi criada em 1910, nas Faculdades de Medicina, pelo govêrno federal. A sugestão do ministro da Educação e Saúde, doutor Rivadávia Corrêa, foi uma das conseqüências dos estudos básicos efetuados pelo então jovem sábio brasileiro Pirajá da Silva, no terreno da *Shistosomose americana,* e da indiscutível necessidade da formação de cientistas especializados para o prosseguimento de tão importantes pesquisas. Precisamente 46 anos depois, o Presidente da República conferiu ao Prof. Pirajá da Silva, por decreto de 14 de março de 1956, seu mais alto galardão: a Grã Cruz do Mérito Nacional em cerimônia simples, realizada na residência do homenageado, e por nós comentada na Imprensa (2).

Novas achegas conta com um prefácio do Prof. Carlos Chagas, cientista dos mais ilustres, filho do inesquecível Carlos Chagas, grande amigo do Prof. Pirajá da Silva.

Divide-se a obra em duas partes, sendo que a primeira consta de 15 páginas e focaliza o reconhecimento oficial da prioridade brasileira na Inglaterra e na Alemanha. Reproduz também, em nítido clichê encimado pelas duas faces da medalha "Bernhard Nocht", um aspecto da cerimônia, expressiva na sua simplicidade, em que a máxima condecoração do Instituto de Medicina Naval e Tropical de Hamburgo, representado pelo saudoso e eminente mestre Prof. A. da Rocha Lima, foi entregue ao Prof. Pirajá da Silva no dia 28 de janeiro de 1955. A segunda parte, mais volumosa, contando 134 páginas, tôda ela enriquecida com cópias facsimilares da vasta correspondência científica mantida pelo Prof. Pirajá da Silva com seus colegas da época, dos quais é de justiça destacar os seguintes: da Inglaterra, Profs. Leiper e Patrick Manson; da França, Profs. R. Blanchard, Le Dantec, Albert Henry, Lortet e Brumpt; do Egito, Prof. A. Loos; dos Estados Unidos, Prof. R. Halcomb e da Rússia, Prof. W. Yakimoff, — epístolas tôdas elas no original com cópias facsimilares e respectivas versões em português. Entre os cientistas brasileiros convém destacar aquêles que mantiveram mais assídua correspondência e souberam acatar as sábias orientações do grande cientista baiano, como: Oswaldo Cruz, Adolfo Lutz, Artur Neiva, Henrique Baurepaire Aragão e Carlos Chagas, missivas reproduzidas em facsímiles.

Finalizando o interessante documentário, o doutor Edgard de Cerqueira Falcão ainda acrescentou facsímiles dos diversos artigos sôbre o assunto, publicados em edições de dezembro de 1902 do *The Journal of Tropical Medicine;* do *Tropical Diseases* (1903), dos *Archives de Parasitologie* (1905), do *Archiv für Schiffs und Tropen Hygiene* (1912) e vários outros.

Cumpre salientar aqui a invulgar dedicação e não o menos expressivo espírito científico e meticulosidade beneditina do ilustre biógrafo, doutor Edgard de Cerqueira Falcão que, com tanta ca-

---

(1). — *Revista de História,* 1951, n. 8, pp. 445-450.
(2). — *A Gazeta,* de 19 de novembro de 1956, pp. 34 e 36.

pacidade de trabalho soube chamar a atenção não só dos cientistas, mas de todos os brasileiros ciosos dos seus lídimos valores, para a vida do cientista baiano, Prof. Manuel Augusto Pirajá da Silva que é, incontestàvelmente, uma das glórias da Medicina mundial.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

CARVALHO (Daniel de). — *Capítulos de Memórias*, pref. de Octávio Tarquínio de Sousa, Liv. José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1957, 245 pp.

Vão aparecendo, aos poucos, alguns depoimentos sôbre a, já agora, assim chamada República Velha. O livro do Sr. Daniel de Carvalho, recentemente publicado, é um dêstes testemunhos e, também, importante achega para o estudo daquela época, que alguns louvam e outros denigrem. O período relativo à 1a. república foi, no entanto, um momento como os outros: de algumas grandezas e de muitas misérias. E, da leitura da obra do Sr. Daniel de Carvalho, bem se vê que assim foi.

E' curioso meditar, depois da leitura desta obra, sôbre o modo pelo qual se recrutavam os políticos, como era feita, cozinhada, a política de então, em que o povo nada dizia, nem parecia ter o que dizer e para a qual, no entanto, contribuia, votando!... A "fabricação" de políticos e de candidatos, o caciquismo, disfarçado sob "princípios republicanos", funcionava, perfeita e serenamente, nas diferentes *tarascas* do republicanismo de então, vazio de ideologia, satisfeito apenas com o gôzo e uso do poder.

Uma das instituições da época — o *coronelismo* — era tôda poderosa. Victor Nunes Leal, no seu interessante livro sôbre o *Coronelismo, Enxada e Voto*, estudou a estrutura daquela instituição que não foi apenas um fenômeno mineiro mas nacional. O coronelismo liga-se, diz o Sr. Daniel de Carvalho, "ao predomínio da aristocracia rural nos primórdios da nacionalidade, ao poder privado dos senhores de engenhos, de mineração, de sesmarias de terras e de escravos, projetando-se na vida social e suprindo a ausência de autoridades administrativas e judiciárias. Os *potentados* da éra colonial surgem na Regência, tendo como expoentes os *caudilhos locais* que formam as tôrres fortificadas do *castelo inexpugnável*, descrito pelo Visconde de Uruguai e reaparecem no Segundo Reinado sob a forma do coronel da Guarda Nacional. Na República completa-se a engrenagem da máquina eleitoral, cuja alavanca era o coronel do interior" (p. 225). Os *grandes coronéis* da história política do Brasil, os de Minas, os de São Paulo, os do Rio Grande do Sul (êstes, em entreveros, às vêzes chegavam às estrêlas do generalato), passaram por fases sucessivas que revelam as transformações da instituição, como as "suas constantes entre tantas variáveis"... Eram êstes *coronéis-mores* que faziam a fôrça dos *peixes grandes*, a que se referia Lauro Muller, sendo os demais, apenas *camarões pequenos* para o môlho (cf. p. 158).

O coronelismo "não nasceu da vontade dos homens — diz o Autor — ou da imposição legal. Não tira sua origem de uma deliberação individual ou coletiva. Não representa uma escôlha refle-